



**Universidade da Integração Internacional da  
Lusofonia Afro-Brasileira  
Instituto de Humanidades e Letras – IHL  
Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades**

**Issa Mulumba**

**Afrocentricidade, agência e apropriação cultural  
a partir da Análise de Redes Sociais**

São Francisco do Conde

2018

**Issa Mulumba**

**Afrocentricidade, agência e apropriação cultural  
a partir da Análise de Redes Sociais**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado Interdisciplinar na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Humanidades. Orientador: Prof. Dr. Ricardo Matheus Benedicto.

São Francisco do Conde

2018

**Issa Mulumba**

**Afrocentricidade, agência e apropriação cultural  
a partir da Análise de Redes Sociais**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado Interdisciplinar na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do Título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em 01/11/2018.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dr. Ricardo Matheus Benedicto (Orientador)**

Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

**Prof. Dra. Ana Cláudia Gomes de Souza**

Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

**Prof. Dra. Rutte Andrade Tavares**

Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

## Sumário

• Introdução.....	1
• Justificativa.....	5
• Objetivo Geral.....	8
• Objetivos Específicos.....	8
• Problematização.....	8
• Referencial Teórico.....	9
• Metodologia.....	11
• Cronograma.....	12
• Referências.....	13

## Introdução

Com o avanço do debate em torno das questões étnico-raciais na sociedade brasileira, a internet, enquanto território, tem sido o espaço fértil para que cidadãos e cidadãs, negros e não negros possam discutir sobre esse tema, trocando assim seus pontos de vista, intercambiando ideologias, criando comunidades de afinidades culturais, políticas, religiosas, desafetos e, de maneira marcante, estética. A internet é o meio pelo qual o acesso a informação foi ampliado e democratizado, apesar de algumas camadas da sociedade ainda não possuírem acesso a um computador com internet, o barateamento dos computadores fez com que empresas nacionais pudessem produzir em níveis competitivos no mercado e com preços não proibitivos para as camadas mais pobres da sociedade. Segundo dados do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), compreendendo os anos de 2003 a 2013, na categoria de produtos de informática, os computadores tiveram uma redução no preço de 61,32%<sup>1</sup>.

Com esse avanço tecnológico os sites de relacionamento e redes sociais inauguram uma nova perspectiva nas relações humanas pós modernas, utilizando de ferramentas como cookies (algoritmos que funcionam como pequenos robôs para identificar o comportamento dos usuários nas redes) agrupando indivíduos com interesses em comum.

A comunidade negra se faz presente em grande número na rede. Segundo o último relatório sobre o Acesso à Internet e à Televisão e Posse de Telefone Móvel e Celular para Uso Pessoal (PNAD2014TI) empreendida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) o percentual de negros e negras na internet é de 39,5%. O processo de construção e afirmação identitária das pessoas negras se dá tardiamente, uma vez que,

Enquanto negro, ele não possui uma identidade positiva, a qual possa afirmar ou negar. É que, no Brasil, nascer com a pele preta e/ou outros caracteres do tipo negróide e compartilhar de uma mesma história de desenraizamento, escravidão e discriminação racial não organiza, por si só, uma identidade negra (SOUSA, 1983, pag.77).

---

<sup>1</sup> Pesquisa realizada pela Intel publicada pela companhia em junho de 2013, disponível em: <https://newsroom.intel.com.br/press-kits/computadores-ficaram-61-mais-baratos-nos-ultimos-10-anos/>. Acesso em 26 set. 2018.

Diante dessa afirmação, sabemos que a pessoa negra em seu processo de crescimento na vida é apresentada a situações em que constantemente o empurra para a decisão sobre si no sentido de auto-afirmação e, apesar de todas as experiências serem provenientes do racismo, a tomada de decisão no que tange ao auto-reconhecimento de sua identidade, passa a ser uma afirmação identitária e política.

Então, na maioria dos casos a pessoa negra não se desenvolve enquanto ser ciente de sua localização no processo histórico, assimilando então o comportamento da branquitude que alimenta todo psicológico e imaginário da mesma desde sua infância, através dos livros didáticos, das produções artísticas que folclorizam a cultura negra, através das mídias como a televisão, publicidade e mais atualmente a internet. Sendo assim, a pessoa negra africana e diaspórica recorre à uma série de símbolos de outras culturas em seu processo de construção identitária. Desse modo, ser negro é:

Tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse de consciência e criar uma nova consciência que assegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. (SOUSA, 1983, pag.77)

A discussão do racismo e das suas diversas maneiras de operar chegou a um ponto na opinião pública que já não se pode recuar ou omitir, muito por causa da democratização da internet, onde denúncias são feitas cotidianamente. O processo de construção identitária da pessoa negra então tem acontecido de forma mais fluida dentro da chamada geração Y<sup>2</sup> e com uma grande influência dos meios digitais pois,

A geração Afrotombamento é, na verdade, uma tribo integrante da questionadora geração Y (ou millennials). O que os caracteriza – além do fato de serem negros – são suas atitudes, sua politização e seu estilo. Esses jovens cresceram em meio ao racismo. Agora, conectados mundialmente, ganham força usando a estética para elevar a autoestima (individual e de todo o grupo), conquistando visibilidade nas ruas e na internet (LEITE, SOUZA, 2017, pag. 6)

---

<sup>2</sup> Geração caracterizada por serem nativos digitais, nasceram em meio a expansão da tecnologia, em meio a virtualidade como interação social.

onde as redes sociais são o território para o diálogo entre as identidades diversas e por consequência mais um local onde os negros defendem as suas agendas e compartilham entre si as novas narrativas e campos de luta. As redes sociais mais do que um lugar de comunicação é também um local de experimento da construção da identidade e de afirmação através da auto-projeção do discurso nos mais variados grupos, fazendo com que o debate acerca da identidade do povo negro seja acessado mais brevemente por adolescentes e jovens que estão exercendo cada vez mais cedo a sua negritude consciente, não abrindo mão de dialogar com a configuração da vida contemporânea mas sempre defendendo os seus símbolos.

Diante do exposto, entendemos que é importante tratarmos do fenômeno da apropriação cultural. A apropriação cultural é o uso de determinado símbolos, artefatos, arte, música, religião e comportamento de uma cultura por outra que, quando retirados do seu contexto original pode se transformar em outra informação ou até mesmo causar um dano cultural para determinado grupo, a problemática da apropriação cultural está associada principalmente ao fato de que as culturas hegemônicas alçaram tal posição se apropriando da cultura de outros grupos minoritários.

Podemos tomar como ponto inicial para o entendimento de apropriação cultural a relação da Grécia com o Egito na produção de uma filosofia quando filósofos que são considerados os fundadores da mesma partiam para estudar na Escola de Mistérios no norte da África, no antigo Kemet, mais especificamente no local que hoje é conhecido como Egito. Compreendendo que existia uma prática de transmissão de conhecimento múltipla, tanto oral como escrita, havia também uma prática de proteção do saber passado através do processo de iniciação do ser no Mistério, tendo esse aprendiz em sua iniciação uma aliança de não vulgarizar os saberes adquiridos. Essa política funcionava principalmente para os estrangeiros pois,

Depois de quase cinco mil anos de proibição contra os Gregos, eles foram autorizados a entrar no Egito com o propósito de sua educação. Em primeiro lugar, através da invasão persa e em segundo lugar, através da invasão de Alexandre, o Grande. A partir do sexto século a.C., portanto, com a morte de Aristóteles (322 a.C.) os gregos fizeram o melhor de sua chance de aprender tudo o que podiam sobre cultura Egípcia; a maioria dos alunos recebeu instruções diretamente de Sacerdotes Egípcios, mas após a invasão por Alexandre o Grande, os templos e bibliotecas Reais foram saqueados e pilhados, e a escola de Aristóteles converteu a biblioteca de Alexandria em um centro de pesquisa. Não é de admirar, então, que a

produção do número inusitadamente elevado de livros atribuídos a Aristóteles tenha provado uma impossibilidade física, para qualquer único homem dentro de um tempo de vida. (JAMES, 1954, pag.16)

Essa afirmação acerca das origens do conhecimento Grego é um exemplo grave e eloquente de apropriação cultural e de destituição de símbolos do povo negro, pois neste caso todo o pensamento ocidental foi sistematizado com base em conhecimentos então roubados e que se mantêm até os dias atuais como o padrão de razão para o ocidente, isso sem nunca devolver o mérito ou compartilhar do protagonismo dos povos keméticos na construção dos saberes que constituíram o mundo.

Os casos em que a apropriação cultural é abordada na contemporaneidade estão basicamente ligados aos símbolos, seja estético como o caso do uso do turbante por pessoas brancas e também de expressões artísticas como o hip-hop, o samba, o jazz e o rock, estilos musicais negros nascidos das circunstâncias de opressão das pessoas negras na diáspora.

Nesse cenário de pós constituição de identidades nacionais se torna problemático delimitar o começo e o fim de uma prática de apropriação cultural, uma vez que no Brasil houve um esforço político de apagar a figura do negro como constituinte de uma identidade, ou grupo que se afirme separadamente dos outros brasileiros, assim, símbolos culturais dos povos negros foram deslocados de seu contexto cultural para compor a identidade nacional, como é o caso do samba e da feijoada. Essa prática de desagenciamento do negro de seus símbolos culturais se configuram como apropriação cultural uma vez que não foi retornado a comunidade em nível de capital que permita um status de igualdade social ao negro. Demais casos como o uso do turbante por pessoas brancas, o uso de gêneros musicais negros por pessoas brancas, o uso de adereços que são marcadores de etnicidade do povo negro podem ser considerados apropriação cultural? As práticas da dita apropriação cultural estão se dando no nível institucional ou nós enquanto negros estamos apenas fulanizando questões institucionais nas relações humanas?

Este trabalho busca por meio do contato com a teoria da Afrocentricidade sistematizada por Molefi Kete Asante, a partir do conceito de agência, identificar e compreender o fenômeno de desagenciamento do negro na produção de sua cultura e significado entendendo a apropriação cultural como prática do mesmo. Entende-se que “agência é a capacidade de dispor de recursos psicológicos e culturais necessários para o

avanço da liberdade humana” (ASANTE, 2008). Para entender quando e como o conceito de agência não ocorre, as redes sociais serão abordadas na pesquisa como o território onde as práticas de apropriação cultural são difundidas.

## **Justificativa**

É preciso compreender de que forma a internet, as redes sociais e de relacionamento são utilizadas pela comunidade negra e de que maneira a mesma afirma a sua identidade nesse território uma que vez que as redes estão sendo palco de debates sobre a dita apropriação cultural.

Percebe-se que existe uma carência no que diz respeito a construção da identidade da pessoa negra no ambiente digital e que os trabalhos desenvolvidos na identificação do comportamento dos usuários de redes sociais são feitas numa abordagem em que o usuário é analisado como um consumidor, deste modo, etnografias digitais são feitas por grandes empresas para melhoria na venda de seus produtos. Um outro espectro em que esse usuário pode ser investigado e no qual se concentra essa pesquisa é em sua questão identitária e relacional com outros usuários, no caso a pessoa negra enquanto usuária das redes sociais.

Quando a pessoa negra leva para o ambiente digital os argumentos em relação a apropriação cultural dos seus símbolos a mesma está marcando nesse espaço mais uma frente de luta por igualdade de direitos através da reivindicação de sua identidade comunitária e é por meio dessa rigidez em relação ao outro que se afirma a si mesmo. Sendo assim, levando em consideração a trajetória da internet no Brasil, onde até os anos de 2003 as interações eram mínimas e voltadas para o entretenimento em chats de serviços como Bol e Uol e mais massivamente de comércio, as redes de relacionamento nos dias atuais estão mais densas e tensas nos conteúdos gerados entre os usuários/atores que delas fazem parte, sendo esses usuários produtores dos conteúdos e discursos, onde as redes mais do que um local de fuga e lazer tornaram-se uma extensão da vida cotidiana.

Para além de fatores identitários e de apropriação, há também o mecanismo de fortalecimento de comunidades de usuários nas redes, esse fortalecimento se dá com base nas relações por afinidade e interação que é entendida como ‘laços’. As conexões entre usuários de uma rede social são baseada em laços fortes, fracos ou ausentes, de acordo com

GRANOVETTER (1973, p. 1361) a força de um laço é “uma combinação (provavelmente linear) da quantidade de tempo, da intensidade emocional, da intimidade (confiança mútua) e da reciprocidade que caracterizam o laço” (apud RECUERO, 2017). Sendo assim a quantidade de interações e intensidade de comunicação entre atores negros e negras nas redes pode indicar mais do que uma amizade, como também a persistência em questões que lhes são comuns enquanto grupo étnico presente na rede. Destarte, pretende-se compreender qual a qualidade dessas interações e se a força desse laço se traduz em um fortalecimento social da pessoa negra pois,

O conceito de laço é também associado à noção de capital social. Como vimos, a noção de laço social de Granovetter (1973) implica no fato de que esse laço pode constituir determinadas vantagens estruturais aos atores (informação, intimidade, reciprocidade etc.). Essas “vantagens” ou benefícios são formas de capital. (RECUERO, 2017. n.p).

Então, entendendo que a pessoa negra pode utilizar do espaço midiático virtual para projetar um discurso, as interações sociais que o mesmo mantém nesse ambiente alimenta o seu capital social e nesse mesmo ambiente a sua identidade está em constante trânsito pois no espaço em que dialogam atores na condição de pessoas há também espaço para atores na condição de instituições comerciais que projetam os seus discursos através da propaganda e incentivam o consumo dos mais variados produtos.

As redes de relacionamento possuem características próprias cada uma delas, como no caso do Facebook, um site de relacionamento voltado para conexões, grupos de diálogos, comunidades, bate-papo, eventos e consumo. Distinguindo-se do Twiter, rede voltada para exposição do seu ponto de vista através de apenas 140 caracteres e também um espaço de consumo, e ainda numa outra ponta o Instagram, criada para o compartilhamento de fotografias, portanto uma rede voltada para imagética e que possivelmente seja a mais auspiciosa pois agrega: 1. Fotografia como seu forte e incentiva à uma apuração estética do usuário. 2. Discurso, pois cada imagem pode ou não ser acompanhada de um texto, e 3. Consumista em dois pontos de vista: i. É possível também comercializar produtos. ii. Ter o usuário tanto como consumidor, quanto como produto.

Nessa triangulação de consumo, discurso e imagem o usuário/usuária se conecta a pessoas, símbolos e produtos que lhes são familiares, formando então o que é comumente conhecido como ‘bolha’ nas redes, essas bolhas estão em contato com outras bolhas constantemente e daí surgem as tensões. Quando pessoas adquirem produtos que estão em

alta no momento há uma tendência no comportamento dos usuários em serem pioneiros no uso, ou na compra do mesmo, pois assim como buscam compor a sua identidade procuram também ser únicos, e trabalhar a sua individualidade. Desse modo, surgem críticas entre os usuários sobre o uso de símbolos, principalmente quando estes são marcadores de identidade e são utilizados por pessoas brancas, uma vez que um dos objetivos básicos da auto-projeção nas redes é repercutir, criar público e se tornar um ‘influencer’ pois muitos buscam popularidade como um valor social na rede em que fazem parte.

Alguém só consegue ser popular diante de outras pessoas. A popularidade é uma concessão, no sentido de que o ator popular concentra mais capital social, em termos de atenção e visibilidade de seus pares, do que outras pessoas não populares. Para que alguém seja popular, portanto, é preciso que outros não sejam. (RECUERO, 2009. apud RECUERO, 2017. n.p).

Pretende-se com essa investigação analisar de que forma o roubo do protagonismo imagético/discursivo através dos símbolos nas redes tem sido compreendido como apropriação cultural e ferido a agência afrocentrista, quais são os atores envolvidos e o grau de centralidade desses atores nessa discussão, bem como a visibilidade, popularidade e reputação dos mesmos operam correlacionadas com a questão da apropriação.

A contribuição dessa pesquisa com informações sobre o uso das redes sociais por pessoas negras pode reforçar o empoderamento da comunidade tal como despertar para o uso de tais sistemas com a consciência do seu funcionamento pois partindo do fato de que “uma pessoa oprimida está deslocada quando opera de uma localização centrada nas experiências do opressor” (ASANTE, 2009, pag.97) poderemos alertar para a reprodução dessa falta de localização psicológica da pessoa negra nas redes sociais na internet.

## **Objetivo Geral**

Compreender de que forma o conceito de agência para Afrocentricidade é violado nas produções de conteúdo e de identidade nas redes sociais, entendendo aqui que a apropriação cultural funciona como um instrumento de desagenciamento do povo negro dos seus recursos culturais e símbolos para a produção de seus significados e manutenção de sua identidade.

## **Objetivos Específicos**

1. Compreender o comportamento da pessoa negra nas redes sociais no que diz respeito a sua identidade bem como as tensões da tentativa de delimitação da apropriação de seus símbolos.
2. Verificar qual a qualidade do entendimento do termo ‘apropriação cultural’ e se os casos em que a mesma é apontada se configura como uma desagenciação da pessoa negra.
3. Entender como o uso e compartilhamento de informações nas redes sociais têm contribuído para que os negros e negras estejam cientes de sua localização histórica antes da juventude e vida adulta ancorando-se na idéia de tornar-se negro/negra.

## **Problematização**

Diante das polêmicas criadas nas redes sociais em relação ao uso de símbolos, objetos e atributos culturais da comunidade negra, urge identificar qual o comportamento da comunidade em relação aos seus marcadores de identidade no ambiente digital compreendendo: Quais são os atores envolvidos com a questão da apropriação cultural? Qual o entendimento de apropriação cultural está sendo debatido nas redes? Os casos em que a apropriação cultural aparece em voga configuram uma desagenciação do povo negro e seus recursos?

## **Referencial Teórico**

Entender o ciberespaço como um campo para a pesquisa traz consigo complexidades relativas tanto à metodologia quanto ao entendimento das redes sociais na internet. Nesse campo há uma infinidade de camadas nas relações, e comunidades que deixam nas redes um grande volume de dados, e isso, por si só, aponta para a necessidade do estudo do

comportamento dos atores na rede em diversas áreas do conhecimento, como a comunicação, cultura, antropologia, tecnologia da informação entre outras.

Desse modo, investigar a questão do debate sobre a apropriação cultural nas redes sociais online se torna necessário para um aprofundamento do entendimento dos atores enquanto usuários entre si pois,

As defesas de ideias radicais ou fundamentalistas, em publicações em redes sociais, tornam-se fragmentos das representações digitais da sociedade contemporânea, as quais dão amplitude a todas as vozes de todos grupos e comunidades, incluindo aqueles que não aceitam o outro em virtude de valores sociais baseados em nacionalidade, classe, raça e gênero. (FERRAZ, ALVES, 2017, p.7)

Como apontam os autores, as relações no ambiente das redes sociais online exteriorizam condutas limites a partir de uma idéia de permissividade e suposto anonimato do meio digital, sendo assim, é possível atacar o diferente, julgar o comportamento de um determinando grupo de pessoas que se posicionam de acordo com suas premissas ideológicas, culturais e políticas. Nesse sentido, a pessoa negra no exercício da afrocentricidade como um paradigma que reestabelece a sua localização na história e sua agência perante a realidade em que vive é muitas das vezes acusada de essencialismos e protecionismo de símbolos culturais que compõem a sua identidade. Mas se levarmos em consideração que “uma apropriação cultural para a construção da identidade nacional oficial é, ainda hoje, a principal “estratégia” da hegemonia branca para impossibilitar a ascensão da população negra ao status de igualdade.” (ANJOS, SOUSA, 2017, p. 256-257) percebemos que a redução do argumento da pessoa negra à condição de essencialista faz parte de um processo histórico do racismo estrutural que esvazia o imaginário dos afro-brasileiros de suas raízes africanas.

Como não podemos separar o mundo contemporâneo da sua relação com as mídias sociais online, é preciso estar atento para a reprodução de padrões racistas e continuidade da supremacia branca nos novos ambientes que configuram as relações humanas, pois ao passo que se utiliza dos elementos identitários de outras culturas e isso não é devolvido a tal grupo ocorre, em outra dimensão, a violência, visto que,

a Europa forjou grande parte de sua identidade moderna à custa dos africanos, particularmente por meio da construção da imagem do europeu como o mais civilizado e do africano como o seu espelho negativo, isto é, como primitivo, supersticioso, incivilizado, aistórico e assim por diante. (MAZAMA, 2009, p. 112).

No contexto brasileiro essa situação se agrava exatamente pela falsa idéia de democracia racial que existe na narrativa sobre as questões raciais no país, e mais,

Os argumentos mais comumente usados para negar o racismo e a supremacia branca, no Brasil e em outros lugares, incluem: 1) aceitação implícita da branquidão como norma ideal; 2) negação da raça como categoria socialmente relevante; 3) negação da raça como realidade física e louvação da mistura racial; 4) negação da existência de uma especificidade cultural africana e louvação da mistura cultural; 5) corte espacial (“não aqui”); 6) corte temporal (“não mais”). Tal negação tem a trágica consequência de tornar virtualmente impossível resistir à supremacia branca. (MAZAMA, 2009, p. 113)

Importante deixar nítido que o termo ‘virtual’ que a autora se refere não está sendo associado ao meio digital mas sim a localização psicológica em que se trava o diálogo sobre as questões raciais no Brasil e em outras diásporas. Entre os argumentos elencados por Mazama, há sempre uma adaptabilidade dos exemplos à realidade local, sendo assim, no que tange a questão da apropriação cultural em relação à especificidade cultural africana, a postura de pessoas negras afirmando a sua identidade se dá como uma luta aguerrida não em busca de um radical essencialismo mas, tomando a agência enquanto princípio, trata-se de uma contra narrativa hegemônica e em defesa também de seus recursos culturais que traduzem-se, no âmbito das relações sociais, em disputa de recursos,

Assim, os objetivos da Afrocentricidade no que diz respeito à ideia cultural não são hegemônicos. Os afrocentristas não expressaram nenhum interesse em uma raça ou cultura dominando outra. Expressam uma crença ardente na possibilidade de diversas populações vivendo na mesma terra sem abandonar suas tradições fundamentais, exceto quando essas tradições invadem o espaço de outros povos sem sua permissão (ASANTE, 2016).

Não se busca com a proposta da teoria da afrocentricidade uma assunção do lugar hegemônico por parte das pessoas negras, pelo contrário, busca-se uma localização da comunidade negra dentro de sua própria história e, partindo da idéia de agência afrocêntrica, resguardar os símbolos culturais que garantem a pertença étnica das pessoas negras a fim de que sua existência não seja coadjuvante ou completamente marginalizada de sua própria história.

## **Metodologia**

Através do método da etnografia (URIARTE); (GEERTZ, 2001); (PEIRANO, 1994, 2014) online (HINE, 2000), a internet será utilizada como campo para a pesquisa, através da observação dos usuários nas redes sociais e posteriormente entrevistas em comunidades online que agregam ideais de negritude, empoderamento e identidade da comunidade negra, as entrevistas serão feitas com os usuários que possuem maior grau de influência (influencers) bem como usuários não tão populares a fim de verificar qual o posicionamento da pessoa negra em relação às questões sobre apropriação cultural, protagonismo digital e verificar quais são os possíveis danos em capital social e cultural da comunidade.

Analisarei fora do ambiente das redes sociais online, mas na internet, nos blogs, a forma como o tema apropriação cultural foi abordado, quais os principais blogs que vincularam o tema verificando se na maioria desses artigos a escrita parte de um escritor(a), negro(a), se as manifestações em relação aos artigos e ao tema apropriação cultural atingiu o público negro, bem como o grau de influência desses blogs na comunidade negra leitora em relação ao comportamento sobre a manutenção da identidade cultural.

### **- Das etapas da análise de campo nas mídias sociais**

No primeiro momento, abordarei as mídias sociais de maneira a observar o comportamento dos usuários no histórico de postagens que foram feitas na rede como um todo, e em grupos específicos. Em alguns desses grupos já sou membro como é o caso do grupo *Movimento Negro Revolucionário da Bahia* e não precisarei solicitar entrada, o que me permitirá entrar em observação e ter uma primeira análise sobre as propriedades do local.

Posteriormente, a utilização de um mapa descritivo (ZANINI, 2016, p.178) norteará os processos de imersão nesses grupos, e permitiram o desenho do *i*. Mapa Social: identificando os atores que fazem parte da comunidade, temas discutidos, gêneros, idades. *ii*. Mapa Espacial: Descrever o ambiente, se fechado ou aberto, qual o tipo de conteúdo gerado na comunidade, mídia predominante (vídeo, imagem, texto). *iii*. Mapa Temporal: frequência das postagens, histórico, contexto (se têm ligação com algum acontecimento em discussão pública).

Após a coleta dos dados a partir da observação, serão feitas entrevistas dentro dessas comunidades para verificar de acordo com os dados da coleta, a robustez dos pontos de vistas colocados em situações de discussão nas postagens, e assim poder ter um resultado mais amplo no que diz respeito ao posicionamento da comunidade negra sobre apropriação cultural.

Não menos importante, o registro etnográfico em abundância nas mídias sociais pode colaborar com a pesquisa, uma vez que as redes sociais online se configuram como território de discurso textual e imagético, a produção de conteúdo da própria comunidade nas redes colabora enormemente para fruição da pesquisa no meio digital.

### **Cronograma**

<b>2018</b>	<b>2019.1</b>	<b>2019.2</b>	<b>2020.1</b>	<b>2020.2</b>	<b>2021.1</b>	<b>2021.2</b>
<b>Levantamento Teórico</b>	<b>X</b>	<b>X</b>				
<b>Etnografia online</b>			<b>X</b>	<b>X</b>		
<b>Escrever dissertação.</b>					<b>X</b>	<b>X</b>

## REFERÊNCIAS

ANJOS, Ana Carolina dos; SOUSA, Karina Custódio. **Estratégias de conservar o poder: A construção midiática do termo apropriação cultural e o caso do uso do turbante**, Revista da ABPN, Goiânia, v.9, n. 23, p. 249-266, 2017.

ASANTE, Molefi Kete. “Afrocentricidade: Notas sobre uma posição disciplinar”. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Afrocentricidade: Uma abordagem epistemológica inovadora**. 1º Edição, São Paulo, Selo Negro, 2009. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 4).

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade como crítica do paradigma hegemônico ocidental: Introdução a uma idéia. **Ensaio Filosófico**, Rio de Janeiro, v.16, p. 6-18, dez. 2016, Tradução de Renato Nogueira, Marcelo J. D. Moraes e Aline Carmo.

FERRAZ, Cláudia Pereira; ALVES, André Porto. **Da etnografia virtual à Etonografia Online: Deslocamentos dos estudos qualitativos em rede digital**. In: 41º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 2017, Caxambu, p. 6.

GEERTZ, Clifford. **Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 1989.

HINE, Christine. **Etnografía Virtual**, Barcelona, Editorial UOC, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Acesso à Internet e à Televisão e Posse de Telefone Móvel e Celular para Uso Pessoal (PNAD2014TI)**. 2014, Disponível em: [https://downloads.ibge.gov.br/downloads\\_estatisticas.htm](https://downloads.ibge.gov.br/downloads_estatisticas.htm). Acesso em 01 set. 2018.

JAMES, G. M, George, **O Legado Roubado**, 1º Edição, 1954. 182 p. <https://afrocentricidade.wordpress.com/2015/10/26/o-legado-roubado-george-g-m-james-livro>. Acesso em 01 set. 2018.

LEITE, Nara de Cervino Teixeira; SOUZA, Josenilde Silva. **Geração Afrotombamento Baiana: A estética negra como meio difusor de empoderamento**. In: 13º COLÓQUIO DE MODA, 2017, Bauru – SP, Bauru, 2017. p. 1-15. Disponível em: [http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202017/COM\\_ORAL/co\\_3/co\\_3\\_Geracao\\_Afrotombameto\\_Baiana.pdf](http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202017/COM_ORAL/co_3/co_3_Geracao_Afrotombameto_Baiana.pdf). Acesso em 18 set. 2018.

MAZAMA, Ama. A afrocentricidade como um novo paradigma. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Afrocentricidade: Uma abordagem epistemológica inovadora**. 1º Edição, São Paulo, Selo Negro, 2009. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 4).

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v20n42/15.pdf>. Acesso em 19 set. 2018.

RECUERO, Raquel. **Introdução à Análise de Redes Sociais Online**, 1º Edição, Salvador, EDUFBA, 2017. não paginado. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/24759>. Acesso em 02 Set. 2018.

SANTOS, Neusa Souza. **Tornar-se Negro: As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social**. 2º Edição, Rio de Janeiro: Graal, 1983. 88 p.

URIARTE, Urpi Montoya. **Podemos todos ser etnógrafos?** Salvador: Tumulto. Disponível em: [http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/Redobra\\_10\\_22.pdf](http://www.redobra.ufba.br/wp-content/uploads/Redobra_10_22.pdf). Acesso em: 25 set. 2018.

ZANINI, Débora. Etnografia em Mídias Sociais. In: SILVA, Tarcízio; STABILE, Max. (Orgs). **Monitoramento e Pesquisa em Mídias Sociais: Metodologias, aplicações e inovações**. São Paulo: Uva Limão, 2016. Disponível em: <https://www.ibpad.com.br/o-que-fazemos/publicacoes/monitoramento-e-pesquisa-em-midias-sociais-metodologias-aplicacoes-e-inovacoes/>. Acesso em: 24 set. 2018.